

A estética *New Wave* e um tal de Suprematismo

A estética New Wave e um tal de Suprematismo

Em janeiro de 1985, certo de que via ao meu redor coisas que os demais não percebiam, escrevi um texto com esse título.

Em agosto de 1985 comemoramos meu aniversário com uma apresentação de slides que pretendia demonstrar a tese.

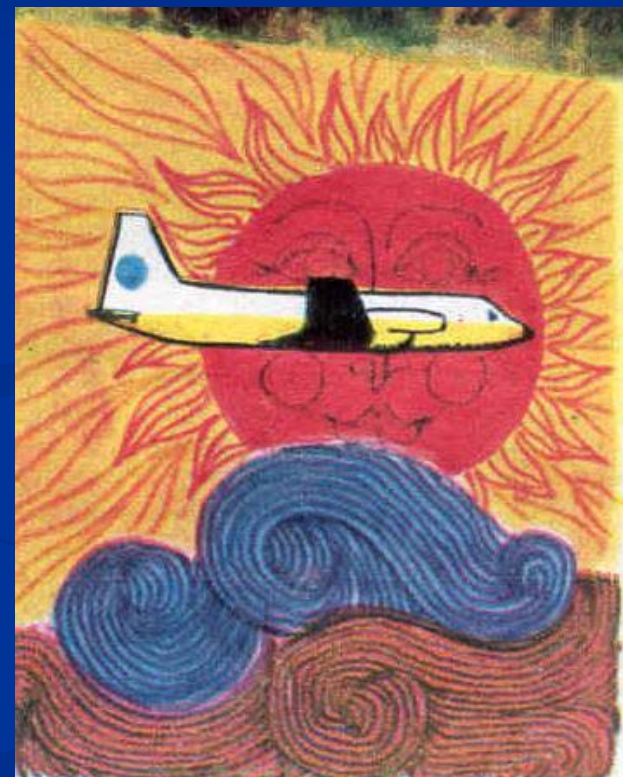
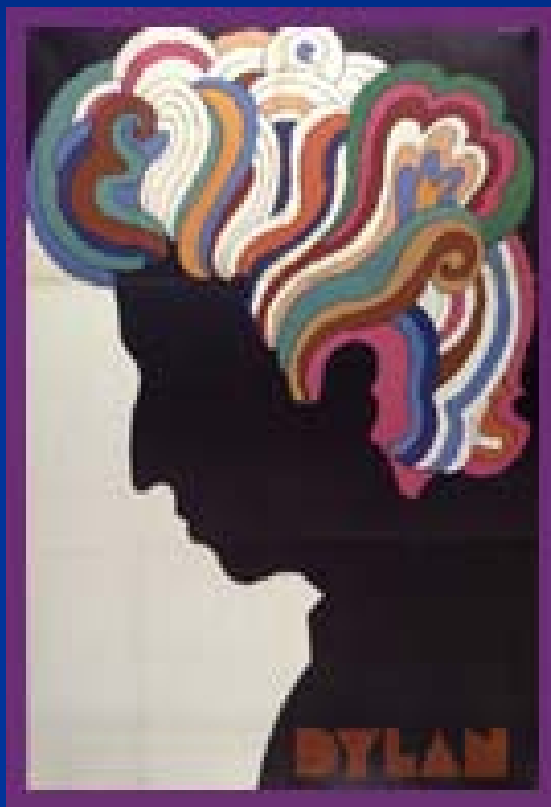
Em 2002 retomei o assunto, como parte da construção da página www.TerrasRaras.com.br

Aquilo deu nisto.

No tempo do psicodélico,
o quadrado era o símbolo do retrógrado, do atrasado.
Bonito era a curva.

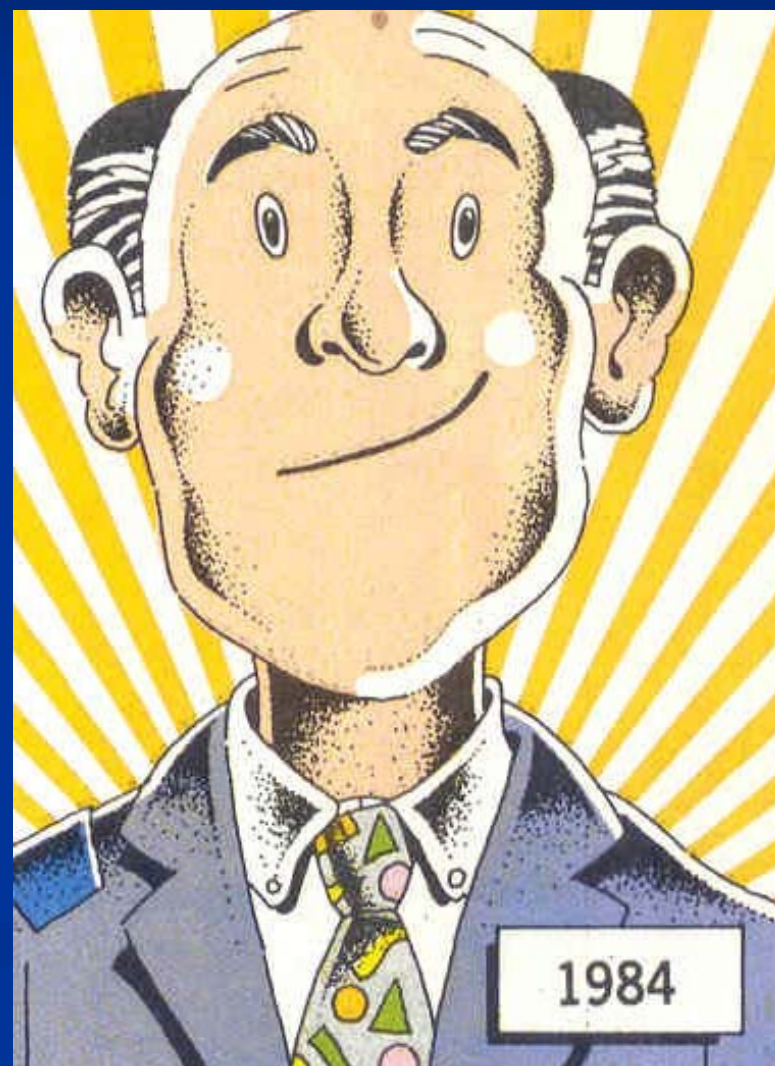
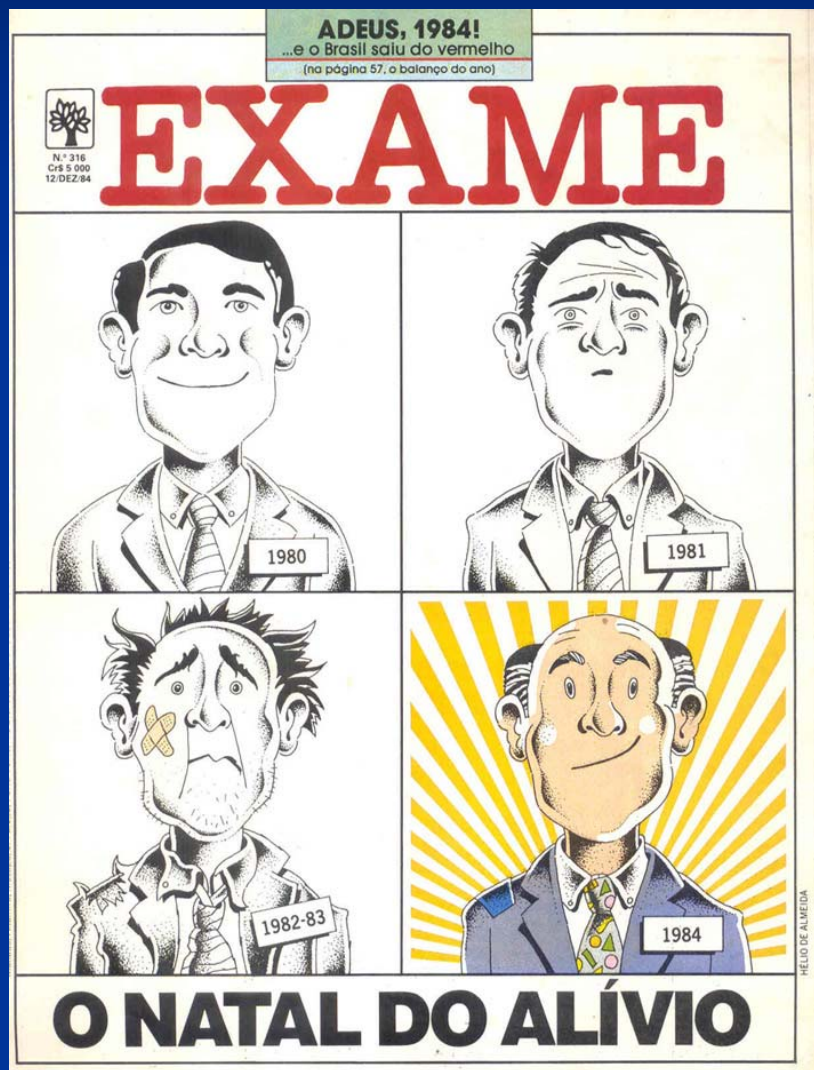


Contracapa da revista Realidade, 1968

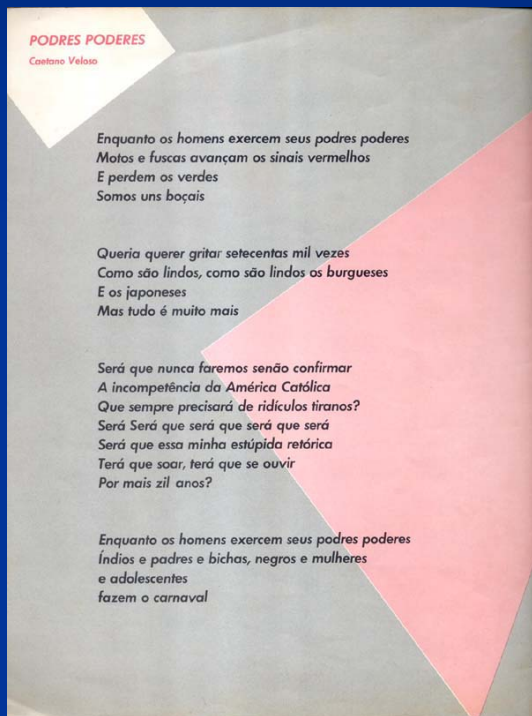


Propaganda da PanAm, 1968

Nos anos oitenta surgiu uma tal de New Wave e, com ela, o quadrado virou moda, ou melhor, a geometria nos inundou: triângulos, retângulos, círculos e trapézios estão em todos os lugares e, como numa síntese, na capa da revista "Exame" de dezembro de 1984.



Geometrias no encarte do "Velô", na abertura do Fantástico, o adesivo do Shopping Iguatemi, no da Fotóptica, no cartaz da Pool, nas camisetas e tênis da Teodoro Sampaio. E mais, nos móveis assinados na Probjeto, no cabelo, maquiagem e brincos newwave, nas "Passagens" do Claudio Tozzi.



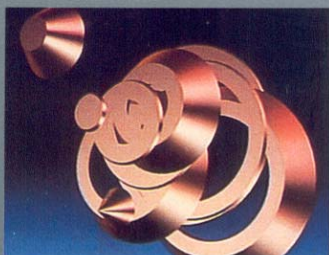
Página do encarte do disco
Velô, 198x.



Figurino do Fantástico,
Hans Donner, 198x



Vitrine da loja Yes,
S. Paulo, 1985



Fotogramas da abertura do Fantástico, Hans Donner.



Fachada da casa Pool

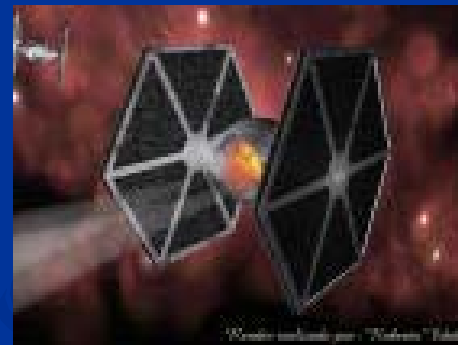
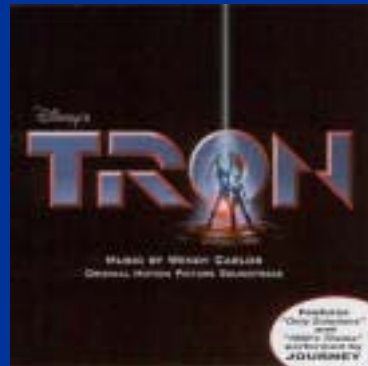
Será toda essa moda absolutamente gratuita?

Nos anos 80, vivíamos uma revalorização do progresso tecnológico, da Ciência;
a revolução da informática é o Moderno.

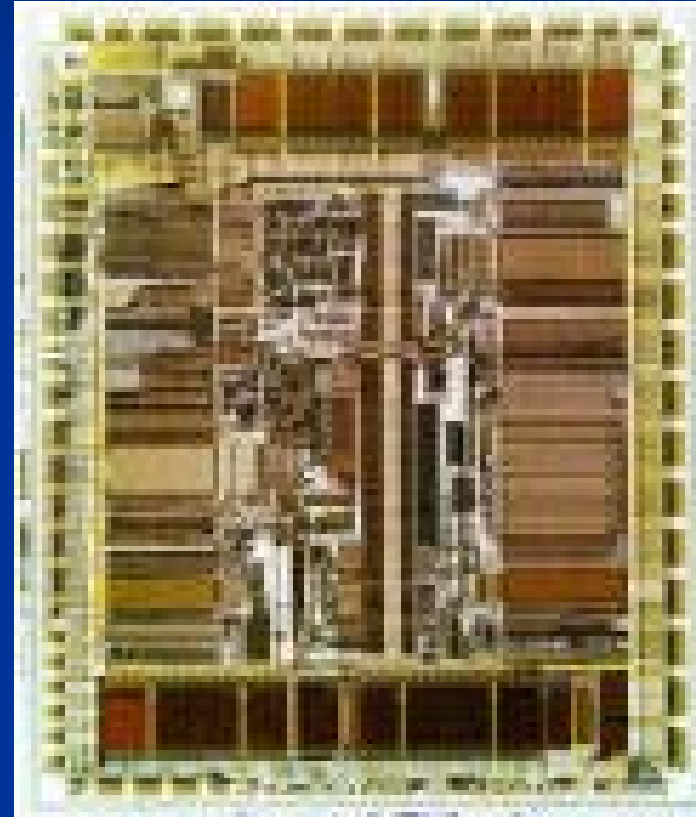
Meio esgotados o naturalismo, o esoterismo, a volta ao campo, a comida
vegetariana, o romantismo e a negação da Razão.

Justamente no meio de uma pesada crise econômica, a moda é o Futuro.

"Guerra nas Estrelas", "E.T.", "Tron", qual é a estética do futuro?



Na década de setenta, as paisagens e cidades futuristas pareciam rococó e medieval. Mas, em 1985, o futuro é o produto da racionalidade humana, a abstração, a inteligência artificial recriada, geometricamente, na Arquitetura do Microprocessador.



E a estética desse moderno New Wave, "Blade Runner", encontra eco num momento histórico muito particular: os anos dez.

A abstração cubista e futurista nasce por toda a Europa, no final da primeira década do século XX, mas as figuras geométricas superpostas num fundo monocromático são a marca registrada do Suprematismo, movimento artístico nascido na Rússia revolucionária de 1915, momento em que a perspectiva de criar um mundo novo arrastou a intelectualidade russa numa esperança quase delirante. Artistas já mundialmente consagrados, como Kandinsky, voltaram para a União Soviética para construir o novo mundo.



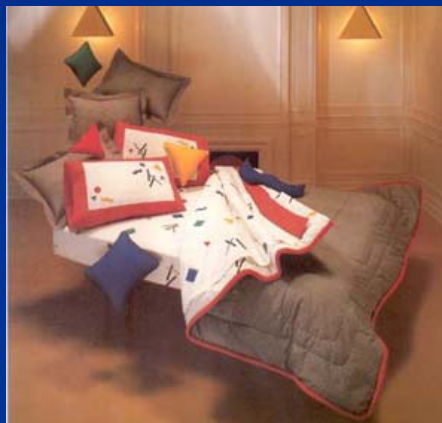
Malevich, 1915



N. Suetin, 1920



"Nós somos a supremacia do novo", gritava um documento de Malevich, em 1919. Essa modernidade, que veio da geometria das telas, desaguou em cartazes de propaganda, no design de utensílios e projetos arquitetônicos, formas que vemos hoje nos projetos de estações espaciais. E, absolutamente presentes na propaganda e no desenho industrial brasileiro e europeu de 1984.



Memphis, 1983



quarto, sala & cia:
idéias quentinhas o ano tod

Mas o Suprematismo durou pouco. Abstração Geométrica foi considerada ideologicamente incorreta, em 1924. Era a expressão de desvios pequeno-burgueses. A massa operário-camponesa preferia o Realismo Socialista, julgaram os donos do poder soviético.

Essa marca de 1984 vem da cabeça de nossos criadores de publicidade, copiando algo de fora mas, de qualquer maneira, tendo presente o espírito da coisa: a mesma estética vista como moderna, hoje, foi moderna e futurista em 1918. Alguns neurônios deste Homo Sapiens associam modernidade com Abstração Geométrica, seja na Rússia de 1920 ou no Brasil de 84.

Aqui, também, essa moda deverá durar pouco. Vem aí mármore e colunas gregas, o pós-moderno. Exigem-se mudanças trimestrais. Mas nossos operários consomem geometrias na Teodoro Sampaio, em Osasco e em São Bernardo. Malevich deve estar sorrindo em sua tumba, debaixo daquela lápide retangular branca com um quadrado vermelho no centro.

No resto da Europa, essa geometria continuou brilhando na Bauhaus, no De Stijl e na Art Deco, até o mundo pretejar, lá pela década de trinta. Até mesmo no Brasil: é incrível que, justamente em 1984, salva-se da destruição nossa primeira casa modernista, geometriquíssima, construída em 1928 por Warchavchik, arquiteto russo (!) chegado ao Brasil cinco anos antes.



Casa Modernista, Warchavchik, 1928



Casa de Flavio
De Carvalho,
193x,



Casa na Av. Estados Unidos